

SABER AMAZÔNIA

Revista da Universidade do Estado do Pará
Janeiro/Fevereiro - 2015 Edição 4 - Ano II

Violência contra mulher é tema de pesquisa

O estudo teve como foco as adolescentes da Região Metropolitana de Belém e as suas percepções sobre a violência

Cotas sociais e adesão ao Enem representam mais acesso à Universidade



Foto Renan Viana

das cotas para estudantes de Escola Pública e a adesão ao Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, como um dos critérios para o ingresso em nossa Universidade.

No Brasil, a universalização do ensino fundamental, bem como o crescimento do ensino médio e do ensino superior não foi acompanhada pelo acesso de jovens ao ensino de terceiro grau, cuja inserção é de algo em torno de 19%, na faixa etária de 18 a 24 anos. Ao considerarmos a renda familiar, os dados apontam que um alto percentual dos jovens de baixa renda não consegue completar o ensino fundamental ou o ensino médio. Ao contrário disso, entre os jovens com melhor renda familiar o acesso ao ensino superior é de 60%, indicador muito próximo ao dos países desenvolvidos, o que aponta uma relação direta entre renda e acesso à Universidade.

Contudo, nos últimos cinco anos, houve um aumento considerável na inclusão de alunos de baixa renda nas universidades públicas brasileiras, em parte devido à adoção de ações inclusivas. Neste sentido foi que propusemos, em 2013, a adoção de uma reserva de vagas da UEPA para a escola pública, focando, sobretudo, as áreas de tecnologia e saúde, uma vez que nos cursos de Educação e Ciências Humanas, mesmo sem adotar cotas sociais, a UEPA já tem registrado que mais de 50% de suas vagas são ocupadas por alunos oriundos da escola pública.

No início de mais um ano letivo, gostaria fazer uma breve reflexão acerca de dois assuntos relacionados ao acesso à Universidade, que ocuparam nossas discussões e, até certo ponto, nossas angústias nos últimos meses. É público que dois grandes passos foram dados pela UEPA, a saber: a adoção

Certamente estas medidas são recentes e, apesar da intensa discussão que as precedeu, necessitam de aperfeiçoamentos a fim de que seu alcance e objetivos possam ser maximizados. Apostamos nessa direção para proporcionar acesso ao ensino superior a mais alunos de baixa renda e do interior do nosso Estado. Neste sentido foi que apresentei, em dezembro de 2014, a proposta de adoção do ENEM como forma de ingresso na nossa universidade.

Hoje temos um processo seletivo com uma média, nos últimos três anos, de 100 mil inscritos, aplicado em 27 municípios do estado, não havendo possibilidade, por questões estruturais, de expandir essa oferta para outros municípios. Comparativamente ao processo seletivo da UEPA, o certame do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) é aplicado em mais de 80 municípios e, em 2013, contou com aproximadamente 465 mil inscritos no Pará. Uma das principais críticas à adoção do ENEM pela UEPA centra-se no fato que de estas provas deixariam de contemplar os conteúdos regionais, o que pode ser em parte sanado pela inclusão de mais professores do Estado no banco de elaboradores de itens do INEP.

A palavra de ordem a respeito da adesão da UEPA ao ENEM, bem como das cotas para escola pública, é inclusão. Inclusão, pois possibilita que os alunos se preparem para uma única prova e disputem uma vaga em uma das seis instituições de ensino superior públicas do Estado. Inclusão porque aumenta as suas possibilidades de ingresso; inclusão porque reduz seu custo com inscrições em diversas universidades. Compreendo que estas são ações afirmativas importantes para que nossos jovens, dos diversos municípios do Pará, possam ter a oportunidade de realizar o seu sonho de cursar o ensino superior, um sonho que não é apenas seu ou apenas das suas famílias, mas é um projeto de transformação do Pará.

Juarez Antônio Simões Quaresma
Reitor da Universidade do Estado do Pará

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

HELÉIZE ROBERTA OLIVEIRA SENA (2021 DRT/PA)
Assessora de Comunicação

JANINE BARGAS (DRT - PA 2212), CACAU BASTOS
(DRT - RR 348) E MIGUEL ALVES
Jornalistas

YÊDA SOUSA
Estagiária de Jornalismo

AMALIA PAES, RAPHAEL FERREIRA E
RENATA CARNEIRO
Produtores

JOSI MENDES
Designer

REINALDO GUIMARÃES
Estagiário de Design

EDILAINE ABREU
Estagiária de Publicidade e Propaganda

ANA PAULA SANTANA
Web Designer

BIANCA ALMEIDA
Multimídia

ENVIE SUAS SUGESTÕES E
DIVULGUE SUAS ATIVIDADES
CONTATOS: (91) 3244-5201/3299-2221
SITE: www.uepa.br
E-MAIL: ascom@uepa.br

Educação contra violência

Nesta primeira edição de 2015, trouxemos para a pauta um assunto presente no dia a dia, mas ainda pouco debatido e enfrentado: a violência contra mulher. A nossa Pesquisa em Destaque investiga a realidade de jovens vítimas desse crime na Região Metropolitana de Belém, apresenta o perfil social e educacional das meninas e a contribuição da educação para a retirada das jovens de situações de vulnerabilidade.

Apresentamos também aos nossos leitores a incrível experiência de alunos que aperfeiçoaram sua formação acadêmica com a participação no Programa Ciência Sem Fronteiras. Desde

sua implantação, em 2010, a Uepa já registrou a ida de mais de 200 alunos para o exterior. Entre os países mais procurados estão os Estados Unidos, Inglaterra e Reino Unido.

Para finalizar, convidamos todos a seguir o perfil da Uepa no Instagram (uepaoficial), a mais nova rede social da Universidade. Fizemos uma seleção e as fotos mais curtidas estão na Galeria. Quer aparecer por lá também? Use as hashtags #Uepa e #AgoraSouUepa.

Boa leitura!
Ize Sena e equipe Ascom Uepa



18 Pesquisa em Destaque
Estudo investiga realidades de jovens vítimas de violência sexual



10 Santarém
Ludicidade e interação no combate a doenças

6 Cultura
Universitários projetam aplicativo destinado ao público LGBT



14 Abre Aspas
Etnomusicologia

Ciência sem Fronteiras.....	4
Fonte de Pesquisa.....	8
Universidade e Sociedade.....	26
Ser Uepa.....	30
Artigo.....	32

Experiência internacional fortalece formação de acadêmicos

Na Uepa, mais de 200 alunos já foram contemplados por programas de mobilidade internacional ou intercâmbio. Os países mais procurados são Estados Unidos, Inglaterra, Reino Unido, Canadá, França e Alemanha.

Por Fabiana Gomes - Secretaria de Estado de Comunicação do Pará (SECOM)
Edição Janine Bargas



Uma oportunidade que permite o aprimoramento profissional, pessoal e cultural. Essa é a definição do estudante Rodrigo Fernando Pinheiro, de 20 anos, para sua experiência acadêmica fora do Brasil. Ele participou do Programa Ciência sem Fronteiras (PCsF), estudando informática e análise de sistemas, por um ano, na *Université de Valenciennes* (UVHC), na França.

Aluno do terceiro ano do curso de Engenharia de Produção, na Universidade do Estado do Pará (Uepa), Rodrigo acredita que o conhecimento conquistado o ajudará a ser um profissional mais qualificado, capaz de contribuir com o estado. “O projeto que desenvolvi pela universidade francesa foi no campo de logística, com foco na otimização da malha ferroviária. O que aprendi vou tentar desenvolver aqui, contribuindo para melhorias na nossa logística, que é uma das áreas mais estratégicas para o escoamento da nossa produção”, conta.

Segundo Rodrigo Fernando, todo estudante que se candidata a uma vaga do PCsF tem que aproveitar, ao máximo, a oportunidade, em especial, o contato com outra cultura. “A experiência com outra língua torna o profissional mais versátil e o ajuda a lidar com as diferenças no mercado de trabalho, já que a vivência em outro país nos desafia diariamente a conviver com outro idioma, cultura e costumes”, avalia o estudante, que já sonha com o mestrado em uma universidade da França ou do Canadá.

A estudante Lizandra Oliveira, 23 anos, do curso de Design da Uepa, também esteve em

intercâmbio fora país, cursando Gestão do Mercado do Luxo pela *Groupe EAC* (Escola de Artes e Cultura), na França. Para Lizandra, a experiência foi inesquecível. “Eu já tinha conhecimento em design de joias, e o curso veio me ajudar a aprimorar o estudo com pedras preciosas. Lá os laboratórios são incríveis! O que trago de lá é a maneira metódica que os franceses têm de fazer as coisas. Antes de começar qualquer projeto, eles nos ensinam que é essencial ter todo o embasamento bem estabelecido. Eu acredito que isso pesará no meu currículo, e abrirá portas no mercado”, declara Lizandra.

Letícia Moura, formada em Enfermagem pela Uepa, também não esquece a oportunidade que teve pelo PCsF, quando passou um ano na *Fairfield University*, nos Estados Unidos. Na instituição, ela aprofundou os conhecimentos nas disciplinas Ética em Enfermagem, Pediatria, Saúde da Mulher e Cuidados Críticos. A estudante também teve contato com o projeto de Musicoterapia da Universidade de Yale, voltado para pacientes com câncer. “Isso, inclusive, facilitou muito o meu trabalho de conclusão de curso, que teve foco na oncologia, uma área que eu gosto muito. Digo a todos que ainda não fizeram intercâmbio que, independentemente do local e da universidade, uma experiência no exterior é sempre enriquecedora. Você amplia sua visão e se torna um profissional mais focado. Agora estou me preparando para a residência em Oncologia”, diz ela.

Assim como Rodrigo, Lizandra e Letícia, centenas de jovens podem concretizar o sonho de fazer o intercâmbio e a mobilidade da graduação nas



◀ Ao lado, Rodrigo Fernando e à direita, Lizandra Oliveira, estudantes da Uepa que participaram do PCsF.



Fotos Ivan Cardoso/Ag. Pará

instituições mais conceituadas do mundo pelo Programa Ciência sem Fronteiras (PCsF). No Pará, a ação já contemplou mais de mil estudantes, de instituições públicas e particulares.

Mais qualificação - O Programa Ciência sem Fronteiras propicia a formação de recursos humanos qualificados nas melhores universidades e instituições de pesquisa estrangeiras, com vistas a promover a internacionalização da ciência e tecnologia, estimulando estudos e pesquisas de brasileiros no exterior, inclusive com a expansão significativa do intercâmbio e da mobilidade de graduandos e graduados.

A iniciativa do Programa conta com a parceria da Uepa, juntamente com os Ministérios da Ciência e Tecnologia e da Educação (MEC), e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Capes).

A Uepa abre a oportunidade tanto para alunos de graduação quanto de pós-graduação. São reservadas mais de 90% das vagas para graduandos. “A ideia é que já na graduação os alunos tenham contato com universidades de excelência, para aprimorar a formação profissional,

estando aptos para atuar em áreas estratégicas no Brasil. Esperamos que o aluno compartilhe o conhecimento que recebeu”, ressalta o professor Jofre Freitas*, coordenador do PCsF pela Uepa.

Segundo Jofre Freitas, o programa contribui para a qualificação profissional da região, em especial nas áreas em que há carência de profissionais, como as de tecnologias e engenharias. “Isso, com certeza, traz impacto no avanço do conhecimento, principalmente nas áreas de ponta da ciência. Os alunos poderão contribuir, por exemplo, com as suas universidades de origem, trazendo percepções na área de novas tecnologias e projetos pedagógicos. O mercado, inclusive, já está de olho nesses futuros profissionais”, informa o professor.

Na Uepa, mais de 200 alunos já foram contemplados pelo Programa. Os países mais procurados são Estados Unidos, Inglaterra, Reino Unido, Canadá, França e Alemanha. ✨

* Jofre Freitas esteve à frente do PCsF à época da entrevista em 2014. Atualmente, o Programa é coordenado pela professora Sanny Albério.

Universitários projetam aplica

Alunos da segunda turma do curso de Bacharelado em Design do *campus* da Uepa em Paragominas participaram de um concurso de empreendedorismo. A equipe produziu a interface do aplicativo em um prazo de 40 horas e busca parcerias para colocar o projeto em prática.

Por Yêda Sousa

Alunos do 6º semestre do curso de Bacharelado em Design da Uepa, no município de Paragominas, propuseram a criação de um aplicativo destinado ao movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT). Filipe Cardoso, Gisseli Gaigher, Jessica Rodrigues, Mayara Guedes, Raiane Lopes e Thaissa Sá criaram a interface do aplicativo com o intuito de promover a socialização irrestrita e facilitar a interação do público-alvo.

“Hi” é o nome do aplicativo criado durante a disciplina Empreendedorismo II. Na proposta dos alunos, os interessados precisam se inscrever, criar um perfil e identificar a orientação sexual. O “Hi” informa ao usuário a distância em que outra pessoa, que também tem o aplicativo, está. Contém um filtro de busca e permite que os usuários compartilhem fotos, áudios e vídeos.

De acordo com a equipe, não havia um “lugar”, mesmo que virtual, em que este público não fosse segmentado. A proposta apresentada é ir contra a homofobia e extinguir esse sentimento de intolerância.

De acordo com a equipe, não havia um “lugar”, mesmo que virtual, em que este público não fosse segmentado. A proposta apresentada é ir contra a homofobia e extinguir esse sentimento de intolerância. A interface do aplicativo foi inspirada no tema polêmico contemporâneo de extremismo e desrespeito com o próximo. “A violência contra os homossexuais é ainda, infelizmente, patente. A homofobia tem sido atacada de frente no Brasil. Porém, por mais que muito já tenha sido alcançado pela comunidade LGBT, há muito ainda pelo que lutar”, afirma um dos integrantes da equipe, o aluno Filipe Cardoso.

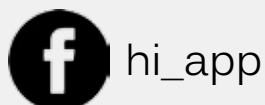
Na fase de teste, a equipe aplicou 100 questionários, 60 deles pelas redes sociais, e o restante, pessoalmente. A proposta da equipe é, então, que as pessoas se conheçam, conversem e se encontrem sem sofrer nenhum tipo de preconceito imposto,

ativo destinado ao público LGBT ▶

ainda, pela sociedade. “A gente queria fazer algo em que essas pessoas pudessem conhecer outras pessoas sem serem reprimidas. Nós pensamos em fazer um bem social mesmo que virtualmente”, disse Filipe.

Aliar teoria e prática para a produção de um projeto e agregar conhecimento e amadurecimento profissional é fundamental para a trajetória acadêmica. É o que afirma o professor, Thiago Azevedo, um dos orientadores da equipe. “Os alunos ficam mais seguros, porque lidam com problemas reais do mercado de trabalho e aprendem passar por obstáculos para que possam concluir o produto proposto”, afirma.

Em busca de patrocínios e parcerias, a equipe participou do projeto Desafio Universitário: Inove+, destinado a estudantes de instituições de ensino superior do estado do Pará. O Desafio consistiu em encontrar ideias inovadoras que foram desenvolvidas em um ambiente educacional e colaborativo. Das 40 ideias apresentadas ao Inove+, nove foram selecionadas e o Hi foi uma delas. O grupo, único da Uepa, concorreu aos prêmios de primeiro, segundo e terceiro lugares e ainda ao Prêmio Superação. ✨



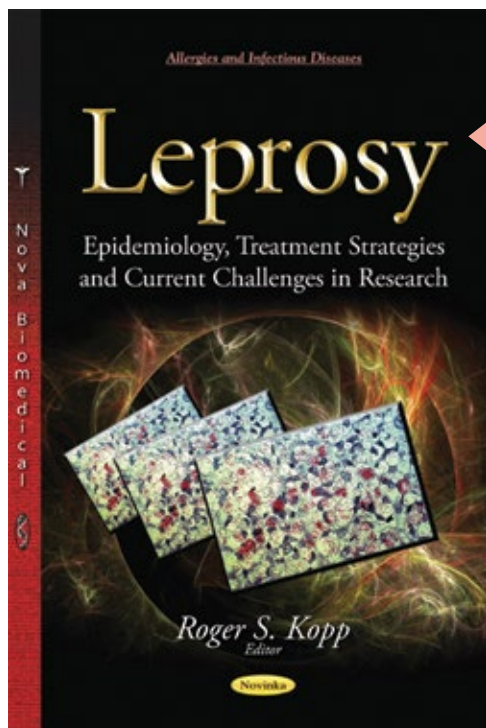
Hi

▲ Marca do aplicativo criada pelos estudantes.



▲ Interfaces para o aplicativo desenvolvidas pela equipe.

Estes são os destaques na estante da Saber Amazônia nesta edição. Temas como religião no Brasil, gestão de recursos hídricos e a relação entre a hanseníase e gravidez estão entre as indicações de leitura.



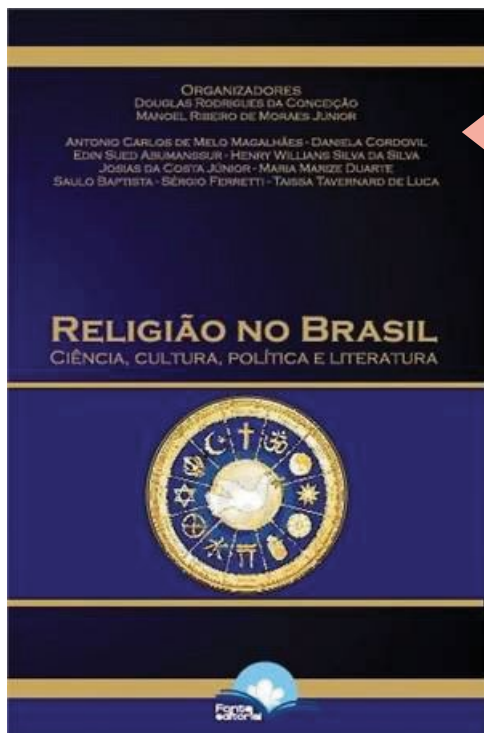
Leprosy: Epidemiology, Treatment Strategies and Current Challenges in Research

Lançado nos Estados Unidos e escrito em parceria entre os pesquisadores da Uepa e do Instituto Evandro Chagas, a obra apresenta um novo indicador da associação entre a hanseníase e a gravidez. A equipe multiprofissional da área da saúde, chefiada pela titular do Departamento de Saúde Comunitária (DSCM), Vera Regina Palácios, escreveu o capítulo *Leprosy and Pregnancy: A Epidemiological and Social Study in the Pará State, North of Brazil*. A obra é fruto de um denso trabalho de investigação da equipe, composta também pelos professores Cléa Bichara (Uepa), Régis Bruni Andriolo (Uepa), Néelson Veiga (Uepa/IEC), Mauro José Fonteles (Uepa), Brenda Gomes Andriolo (Uepa) e Marinete Marins Póvoa (IEC/Universidade Federal do Pará), que estudam há quase cinco anos a associação entre a doença hanseníase e a gestação. O livro está disponível na Biblioteca Prof^a. Iracema Alves de Almeida do Campus II - CCBS, e também pelo site www.novapublishers.com.



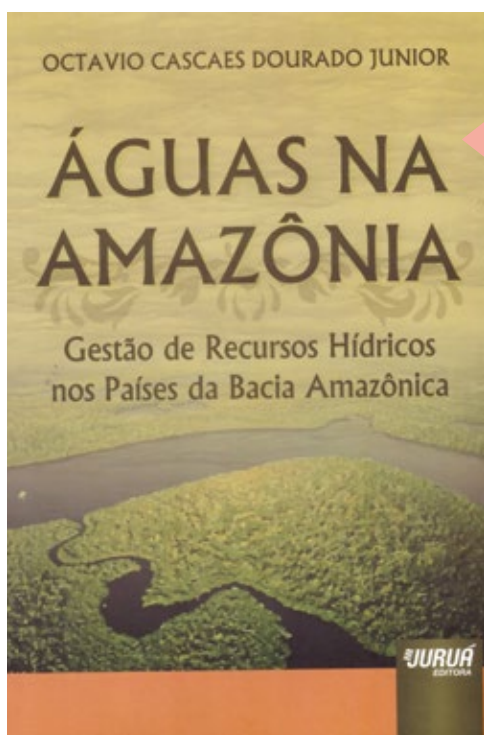
Perseguições que Humilham: Assédio Moral e Violência de Gênero

A ouvidora da Uepa, Suely Belém, é autora do livro que investigou a prática do assédio moral existente na própria Universidade. Após pesquisa com aplicação de questionário e grupo focal, a autora concluiu que o assédio moral ocorre em todos os campi da instituição. A prática, segundo a pesquisa, é desenvolvida mais pelos servidores que ocupam cargo de chefia e é mais frequente em pessoas do sexo feminino, sendo este, inclusive, o sexo do assediador visando autoafirmação e respeito. A produção científica é resultado do Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas, que a Uepa desenvolveu em parceria com a Universidade do Estado do Ceará (UECE), de 2008 a 2010, e faz parte da 'Série Informativos Observatório da Violência Contra a Mulher (Observem)'.
Série Informativos do Observem



Religião no Brasil - Ciência, Cultura, Política e Literatura

'Religião no Brasil' é um livro pensado de maneira interdisciplinar sobre religião. A costura epistemológica de seus capítulos e de suas seções propunha enfoques teóricos das manifestações religiosas no Brasil como algo transversal. Logo, este livro escrito sobre religião, parte do contexto brasileiro, mas, com abrangências teóricas que alcançam vários outros contextos de expressão do sagrado. Em vias de mão dupla, os escritos tratam de temas e metodologias investigativas da religião. Sem poder chegar à exaustão, este livro oferece aos seus leitores uma possibilidade de situar pontos capitais de debates científicos importantíssimos sobre a religião. Daqui alça contribuição para os integrantes dos contextos institucionais de pesquisa desta área de investigação e formação, do pesquisador ao professor. O livro está disponível no site www.fonteeditorial.com.br.



Águas na Amazônia: Gestão de Recursos Hídricos nos Países da Bacia Amazônica

A questão da água no planeta é um tema presente em muitas discussões quando o assunto é o meio ambiente. A maneira como os recursos hídricos são aproveitados merece especial atenção. Nesse contexto, a gestão das águas na Amazônia passou a ser disciplinada com base em princípios jurídico-ambientais, segundo os quais a água deve ser acessível a todas as pessoas com vistas a suprir suas necessidades vitais. A presente obra aborda um assunto pouco explorado no campo científico jurídico relacionado aos recursos hídricos, onde há a apresentação de princípios jurídicos pertinentes ao tema e o escopo legislativo nos países amazônicos. O livro faz parte da conclusão do doutorado em Desenvolvimento Sustentável, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) do professor do curso de Engenharia Ambiental da Uepa, Octávio Cascaes. Disponível no site www.jurua.com.br.

Ludicidade e interação no combate a doenças

Em Santarém, no Pará, alunos e professores desenvolveram um estudo, já premiado, sobre a incidência de doenças relacionadas ao uso de água contaminada em comunidades residentes nas margens do Rio Amazonas. A pesquisa gerou entre seus produtos uma história em quadrinhos, com representações de situações cotidianas das comunidades, que levou em consideração a relação entre os seus integrantes e os recursos naturais disponíveis. O enredo mostra como é possível se proteger e combater essas doenças de forma simples e eficaz.

Por Cacau Bastos

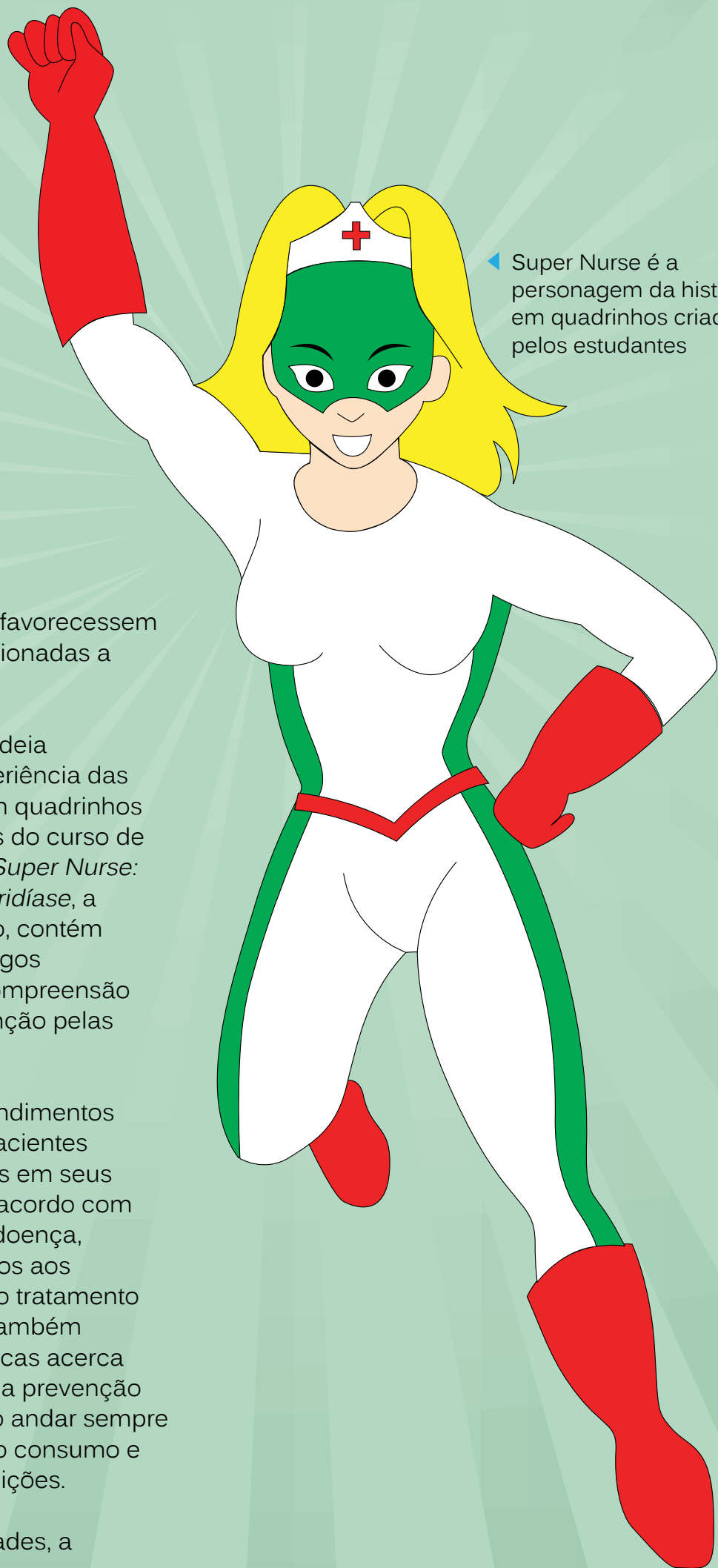
Um levantamento epidemiológico junto a comunidades residentes nas margens do Rio Amazonas, no município de Santarém, oeste paraense, detectou a grande incidência de doenças relacionadas ao consumo da água do rio, a principal fonte hídrica para usos domésticos.

O levantamento fez parte de uma pesquisa desenvolvida por alunos do curso de Enfermagem da Uepa. Intitulada *Populações tradicionais da Amazônia: Saberes e práticas relacionadas à leptospirose e parasitoses intestinais*, a pesquisa foi realizada em três comunidades: São Ciríaco do Urucurituba, Campos do Urucurituba e Campos do Aramaná.

De acordo com o estudo, a contaminação da água é o fator que contribui para o aparecimento das doenças nessas localidades. A ausência de tratamento de esgoto e a construção de poços próximos a lençóis freáticos são as principais fontes de contaminação.

As doenças detectadas como as mais comuns são as diarreias, parasitoses intestinais e a leptospirose, transmitida pelas fezes e urina do rato. As crianças são as principais vítimas, por manterem com mais frequência o contato com o solo ou a água contaminada.

Após a coleta de informações, por meio da aplicação de questionários e de exame parasitológico de fezes, mobilizou-se a população no intuito de promover



◀ Super Nurse é a personagem da história em quadrinhos criada pelos estudantes

abordagens educativas que favorecessem a mudança de atitudes relacionadas a essas doenças.

Destas práticas surgiu uma ideia inusitada: transformar a experiência das comunidades em história em quadrinhos produzida pelos acadêmicos do curso de Enfermagem. Chamada de *Super Nurse: contra a leptospirose e ascaridíase*, a publicação, de caráter lúdico, contém informações, ilustrações e jogos educativos para facilitar a compreensão sobre as doenças e a prevenção pelas comunidades.

Foram realizados, ainda, atendimentos para avaliação clínica dos pacientes que apresentaram alterações em seus exames parasitológicos. De acordo com as especificidades de cada doença, os pacientes eram conduzidos aos profissionais de saúde para o tratamento mais adequado. Os alunos também ofereceram orientações básicas acerca dos cuidados pessoais para a prevenção das enteroparasitoses, como andar sempre calçado, ferver a água para o consumo e lavar as mãos antes das refeições.

Após a realização das atividades, a

Lavar as mãos antes das refeições



equipe teve um momento de socialização dos resultados para avaliar a ação em sua totalidade. “Os alunos fizeram reflexões em cima dos problemas enfrentados e levantaram questões para encontrar resoluções para as doenças enfrentadas nos três locais pesquisados”, explicou a coordenadora adjunta do Curso de Enfermagem, professora Sheyla Mara Silva de Oliveira.

Os alunos retornaram às comunidades para entregar o resultado dos exames e fazer os encaminhamentos para tratamentos específicos, quando necessário. “No nosso retorno, devolvemos à comunidade e avaliamos junto com eles. Foi gratificante perceber como eles ficaram agradecidos e nos comunicaram que desconheciam estarem acometidos por doenças que podem ser prevenidas de forma tão simples como andar calçado e tratar a água com cloro ou fervendo antes do consumo”, destacou a professora.

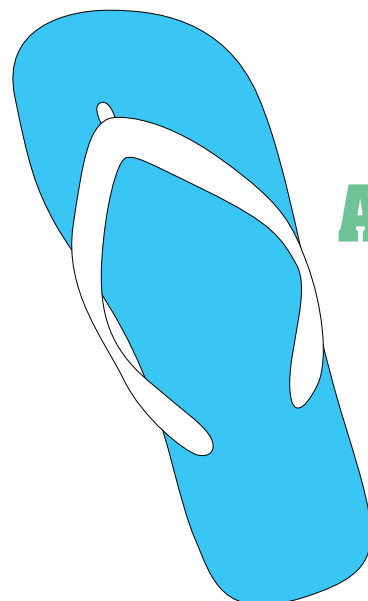
A agente de saúde Maria Clemílda dos Santos, da comunidade de São Ciríaco, informou que a participação dos alunos e professores foi significativa para a consolidação do trabalho já realizado no local, onde vivem mais de 400 moradores. “Temos um total de 92 famílias assistidas e, tanto as palestras, como a revista em quadrinhos foram fundamentais para ilustrar o que eles deveriam fazer para se prevenir dessas doenças”, relatou.

O trabalho recebeu o VI Prêmio Sérgio Arouca, concedido ao melhor trabalho acadêmico no

Congresso Internacional da Rede Unida, que ocorreu abril de 2014, em Fortaleza, no Ceará. Para a aluna Cláudia Ribeiro, a experiência permitiu aprimorar algumas habilidades práticas, como dispensar algumas medicações e dar mais orientações aos pacientes sobre prevenção. “Ver um trabalho que foi feito com tanta dedicação, sendo reconhecido em um Congresso Internacional é de suma importância tanto do ponto de vista da Uepa, quanto da comunidade, pois mais do que levar saúde, fomos construir saúde”, comemorou.

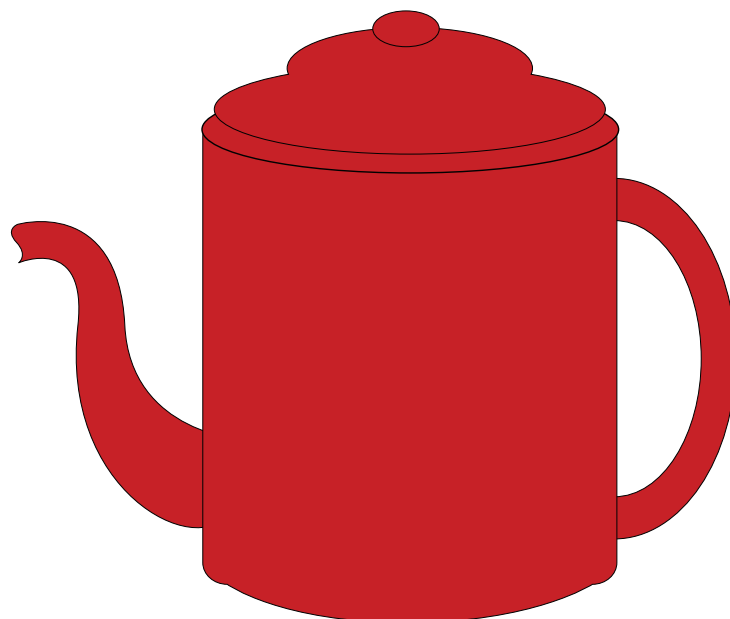
Sete prêmios ao total foram distribuídos entre os trabalhos apresentados no Congresso Internacional, sendo dois deles destaques entre os congressistas e cinco de mérito escolhidos pela comissão científica. ✕

Tratar a água com cloro



Andar sempre calçado

Ferver a água para o consumo



Etnomusicologia: a ciência que une a música e seus protagonistas

Professor do curso de Licenciatura Plena em Música e coordenador do Grupo de Estudos Musicais da Amazônia - GEMAM, Paulo Murilo Guerreiro do Amaral, fala sobre a quinta ciência musical e defende que mais do que disciplina, a Etnomusicologia deve ser entendida como abordagem para estudar qualquer música.

Por Janine Bargas

SA - Professor, no que consiste a Etnomusicologia?

PM - A Etnomusicologia é a quinta ciência musical. As demais são a Performance (incluindo o canto, as práticas instrumentais e a regência), a Composição, a Musicologia (onde se encontram a História da Música e a Teoria Musical) e a Educação Musical. Seus vestígios mais antepassados remontam há pouco mais de 100 anos, época em que a Musicologia se fragmentou em três modalidades, sendo uma delas a Musicologia Comparada, de onde teria surgido 50 anos mais tarde a disciplina Etnomusicologia.

O vínculo entre a Etnomusicologia e a Musicologia Comparada esclarece uma noção fundante para a disciplina que orientou inúmeros estudos sobre práticas e culturas musicais “exóticas” realizados em comparação com parâmetros da chamada Música Ocidental. Outra noção fundamental diz respeito à “interpretação das culturas” (cf. Geertz) e práticas musicais levando-se em conta a autoridade de quem detêm

Paulo Murilo é professor e pesquisador na área de Música na Universidade do Estado do Pará.



os saberes envolvidos. Neste último caso, admitiu-se a utilização corrente da noção de “teoria nativa” em contraposição àquilo que já se encontra estabelecido a respeito de música e que pode servir (ou não) como filtro analítico, seja o que for.

A Etnomusicologia contrapõe-se a todo um conhecimento secular e enciclopédico sobre música voltado ao produto musical, seus registros gráficos e suas formas e matrizes analíticas universais. A Etnomusicologia está preocupada com os processos. Se a Teoria Musical ou a Composição lançam mão da escuta performática e/ou da partitura para a realização da análise musical, importa para a Etnomusicologia observar as relações existentes entre a música e o seu tempo, o seu espaço e os seus protagonistas.

A música não é simplesmente um registro (aliás, existem músicas jamais registradas e que nem por isso deixam de ser música), e sim, o resultado da ação humana individual ou coletiva. Por sua vez, toda e qualquer ação precisa ser contextualizada antes de ser compreendida. Caso contrário, precisaremos crer que tudo nesta vida acontece de forma completamente acidental e deliberada.

Há quem acredite que os estudos etnomusicológicos versam obrigatoriamente sobre músicas étnicas e/ou encampem saberes e práticas musicais indígenas, negras, folclóricas e aborígenes de uma maneira geral. De forma nenhuma! Não existe esta obrigatoriedade. A etnomusicologia pode servir para estudar qualquer música, desde o canto gregoriano até a música kitsch eletrônica, passando pelas músicas étnica, comercial, ritual, erudita, entre outras. Além de disciplina, a Etnomusicologia deveria ser compreendida como uma abordagem. É o “jeito” de observar a música que define o olhar etnomusicológico e não o tipo de música!

SA - A Etnomusicologia, como uma disciplina que, por natureza, está na fronteira de outras, como a Antropologia e a Música, se nutre de referências teóricas, epistemológicas e metodológicas. Fale sobre essa interdisciplinaridade.

PM - A interdisciplinaridade na Etnomusicologia é um dos assuntos mais instigantes e ao mesmo tempo complexos da área, especialmente em termos teóricos e metodológicos. No que concerne à teoria, é importante mencionar duas vertentes da Etnomusicologia, uma mais musical e outra mais antropológica. Enquanto a primeira lança mão de um discurso mais musical sobre os saberes e práticas musicais, esta última observa os fenômenos e culturas sonoras sem, necessariamente, valorizar uma discussão no nível estritamente musical no âmbito de uma determinada cultura estudada.

A existência destas vertentes gerou, ao longo da segunda metade do século XX, a formação de duas linhagens de etnomusicólogos: uma com formação e outra sem formação musical. No Brasil, e talvez em outros países, os etnomusicólogos sem formação musical são, provavelmente, antropólogos em sua maioria. É fato que a Antropologia forneceu bases teórico-metodológicas fundamentais para a Etnomusicologia. Daí o porquê de esta interface disciplinar com a Antropologia seja provavelmente a mais contundente dentro do campo da Etnomusicologia.

Contudo, não é só de Antropologia que se faz Etnomusicologia. Além de outras ciências musicais, as interfaces da Etnomusicologia abrangem a Semiótica, a História, a Comunicação, a Psicologia, os Estudos Culturais, a Filosofia, entre outras tantas possíveis. Se, por um lado, estas múltiplas possibilidades garantem aberturas para esta área de conhecimento, por outro lado recebe críticas em virtude de uma possível falta de solidez teórica e metodológica.



Paulo Murilo participa da avaliação de candidatos ao curso de Licenciatura em Música na prova habilitatória. ▲

SA - Nas discussões mais recentes no âmbito da Etnomusicologia, quais temas têm sido recorrentes, quais os objetos de estudo mais frequentes? Por quê?

PM - Depende muito... Em cada país ou região do planeta a Etnomusicologia se desenvolve de uma maneira. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde fiz o meu doutorado-sanduíche, os pesquisadores se distinguem um dos outros a partir de um critério geográfico. Há os especialistas em músicas do Caribe, da África do Sul ou do Brasil. Os pesquisadores americanos ou radicados naquele país não raramente saem do país para estudar práticas estrangeiras.

Já no Brasil, a maior parte das pesquisas etnomusicológicas incide sobre músicas situadas no próprio país. E mais: não raramente os pesquisadores investigam saberes e práticas cujos focos se encontram no “quintal do vizinho”. Pesquisadores nordestinos pesquisam sobre música baiana, forró e candomblé. Já os amazonenses preferem estudar as culturas indígenas. Os paulistas ficam com os seus cururus e folias de reis. Os paraenses, por seu turno, estudam o carimbó, a guitarrada, o tecnobrega e os pássaros juninos.

No caso do Brasil, esse tipo de organização por tipo de manifestação se deve, em parte, ao fato de que ainda precisamos discutir com um pouco mais de interesse sobre o que alguns autores chamam

de “etnomusicologia brasileira”. Isto é, quais os temas que orientam ou deveriam orientar os trabalhos de Etnomusicologia no Brasil, não importando se estamos estudando o carimbó de Belém do Pará ou as performances da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre? Quais as discussões do momento? Indústria cultural e dos espetáculos, festivais, políticas públicas, patrimonialização, performances culturais, relações entre mídias/tecnologias e mudanças musicais e culturais, construção da nação, formação de identidades, world music? Estes temas surgem, sim. Estão presentes em uma infinidade de pesquisas apresentadas por pesquisadores iniciantes em suas graduações e em trabalhos desenvolvidos no âmbito de programas de pós-graduação, muitos dos quais ganham notoriedade quando são publicados nos Anais da Associação Brasileira de Etnomusicologia, que ruma ao seu 15º ano de existência.

Um respeitável etnomusicólogo brasileiro disse, certa vez, que o Brasil produz muitas etnografias e poucas teorias. Concordo com ele!

SA - Na Amazônia, a Etnomusicologia certamente encontra um terreno fértil para investigação, diante da diversidade cultural presente na região. Quais as manifestações regionais podemos destacar?

PM - Parte desta resposta se encontra no item anterior. Concordo que a Amazônia é território privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas etnomusicológicas. Não é complicado fazer este tipo de consideração levando-se em conta a história da Etnomusicologia na região e importantes pesquisas aqui desenvolvidas ao longo de quase cinquenta anos, especialmente com indígenas.

Também concordo, em virtude de que somos um território vasto e ainda pouco explorado em termos de diversidade e potencialidades musicais. A respeito da diversidade,

honestamente eu não sei se o quanto somos mais diversos culturalmente do que outras regiões. O tema da diversidade soa para mim muito como um sopro ufanista do que como uma verdade absoluta que nos confere destaque.

Seguindo este raciocínio, talvez precisemos observar de que maneira a diversidade amazônica emerge das músicas que consumimos, divulgamos e produzimos. Além das práticas musicais indígenas, aponto as músicas tradicionais e as urbanas como objetos privilegiados em projetos de pesquisa em Etnomusicologia.

SA - Fale sobre a atuação do Grupo de Estudos Musicais da Amazônia (Gemam) da Universidade do Estado do Pará (Uepa) e suas contribuições para a disciplina.

PM - O ponto de partida para a criação do GEMAM foi a constatação de que muito pouco ainda se conhece sobre o universo musical e estético das culturas expressivas amazônicas. Pretende-se investigar, documentar e analisar este universo em suas dimensões histórica, social, cultural, identitária e estética. O principal objetivo é o levantamento de materiais a respeito da história musical e artística da Amazônia, além de realizar uma abordagem crítica da linguagem e do fazer musical atual, com enfoque etnomusicológico e/ou estético, considerando questões de gênero, mídias, tecnologias, performances, gostos, tradições/modernidades, regionalismos/cosmopolitismos, entre outros. Pretende-se, ainda, compreender sentidos e especificidades das linguagens artísticas em diferentes culturas, incluindo a música, nas perspectivas estética, cultural e social.

Além de propor projetos de pesquisa, o GEMAM constitui um intenso fórum de discussão em cima de bibliografia especializada e experiências de campo, tornando-se importante referência para Etnomusicologia na região. ✘

Pesquisa em destaque



Estudo investiga realidades de jovens vítimas de violência sexual

A pesquisa teve como foco as adolescentes da Região Metropolitana de Belém e as suas percepções sobre a violência. A partir dos dados coletados foi elaborado o perfil social e educacional das vítimas.

Por Janine Bargas

Com o intuito de compreender as percepções de jovens meninas sobre a violência sexual, a pedagoga, formada pela Uepa, Maíra Naiar, sob a orientação da professora Lana Macedo, desenvolveu uma pesquisa junto a adolescentes da Região Metropolitana de Belém. A pesquisa foi motivada pela grande incidência desse crime na Amazônia.

De acordo com os dados do Programa Pro Paz, que atende pessoas em situação de risco no Pará, de novembro de 2004 a fevereiro de 2014, foram registrados 16.317 atendimentos de casos de violência sexual, entre crianças, adolescentes e mulheres. “Levamos em consideração o grande número de crimes dessa natureza cometidos contra crianças e adolescentes especialmente no Pará, que resultam em prejuízos de toda ordem”, afirma Maíra.

As pesquisadoras ouviram as adolescentes entre 13 e 17 anos. A ideia foi compreender a contribuição da educação para a retirada das jovens de situações de vulnerabilidade, um dos fatores propiciadores da violência sexual.

A partir de uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, foi realizado um estudo de caso com 20 adolescentes, no período de 25 de março a 16 de maio de 2014, que gerou a elaboração de um perfil social e educacional das vítimas. Entre os traços comuns, está a baixa escolaridade, a evasão



16.317

Atendimentos de casos de violência sexual de Nov/2004 a Fev/2014

Fonte: Programa Pro Paz

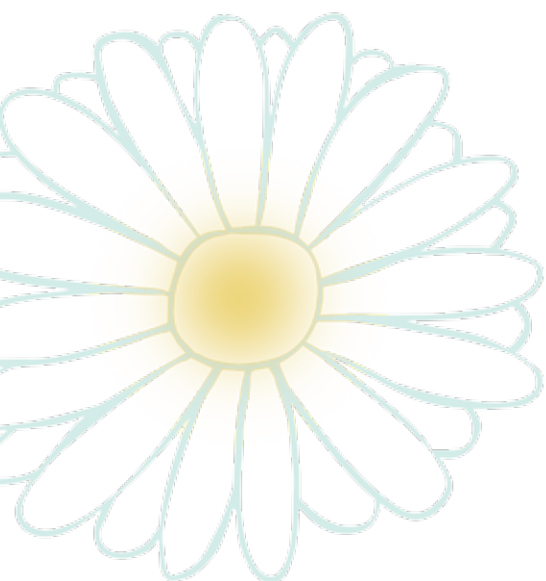
escolar, o atraso na relação entre idade e série, a ausência da família na participação da vida da jovem ou laços familiares fragilizados.

No âmbito do contexto social, as adolescentes vitimizadas geralmente têm contato com outros tipos de violência e residem em bairros periféricos, nos quais políticas públicas são incipientes ou ausentes.

As pesquisadoras destacaram, com base nos dados levantados, algumas causas desse tipo de violência, entre elas, fatores culturais, condições sociais, psicológicas, institucionais e transgressão voluntária. E é nesse cenário que a educação é apontada como quesito fundamental à cidadania. Segundo Lana Macedo, “educação, informação, conscientização e medidas de proteção podem, conjuntamente, servir como forma efetivas nesses casos. A educação contribui para o resgate das adolescentes, para que elas saiam da condição de violência, promovendo a autoestima, fazendo com que elas se percebam como sujeitos de direito”.

No Brasil, jovens entre 12 e 18 anos têm a proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, que determina direitos específicos, entre eles, a proteção especial de pessoas nessa faixa etária. Mas, mesmo com a existência da legislação, a violência sexual já é considerada um problema de saúde pública. “A violência inserida no contexto histórico da sociedade é considerada, na atualidade, um problema de saúde pública devido à alta incidência e aos prejuízos para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e comportamental do sujeito”, ressalta Maíra.

Entre as possibilidades de recuperação psicossocial das adolescentes, a pesquisa aponta a importância de projetos



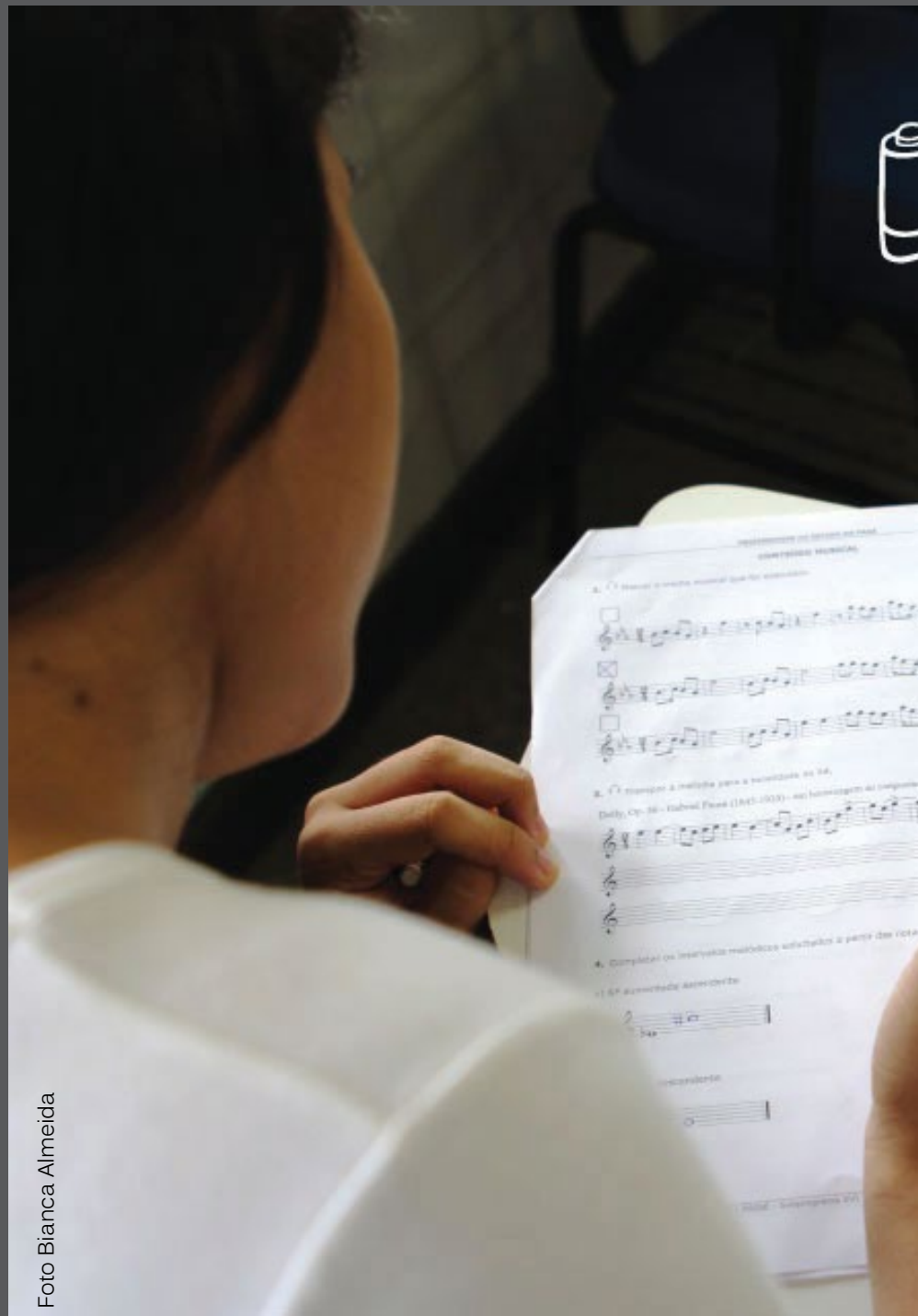


integrados com as realidades sociais das vítimas, que promovam o atendimento psicológico e que facilitem o encaminhamento das jovens a outras ações de qualificação profissional e educacional.

- ▲ Baixa escolaridade, evasão escolar e atraso na relação entre idade e série são traços em comum entre as vítimas

Para Maíra, “é importante pontuar que os trabalhos socioeducativos não podem ser concebidos como ações para “consertar” as pessoas, mas como ações que tenham um conteúdo compatível com a realidade social vivenciada por cada uma dessas famílias, na busca em despertar e conquistar a emancipação, a autonomia, visão crítica da realidade, o projeto de vida e perspectivas de mudanças”.

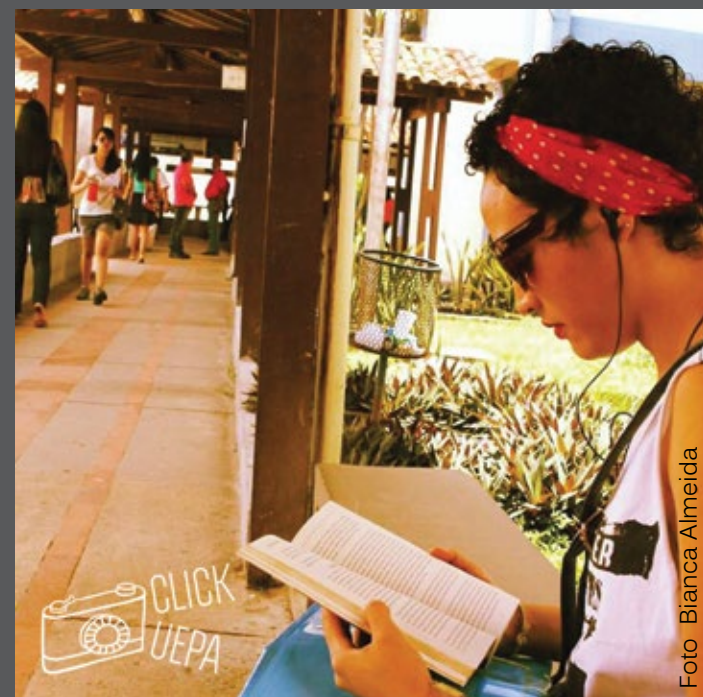
Os dados geraram um artigo recentemente aprovado para o V Seminário Internacional Direitos Humanos, Violência e Pobreza, realizado de 26 a 28 de novembro de 2014, em Buenos Aires, Argentina. ✘



Seguir

uepaoficial

Uepa Perfil oficial da Universidade do Estado do Pará
Estamos no Instagram e a Galeria desta edição apres
Apareça por lá também com #Uepa #AgoraSouUepa



(Uepa) <http://www.uepa.br>
enta algumas das fotos mais curtidas na rede social.



UEPA OFICIAL



Foto Josi Mendes



Foto Bianca Almeida



Foto Bianca Almeida



Foto Paula Sampaio



Foto Renata Pinto



Foto Bianca Almeida



Foto Miguel Alves



Foto Miguel Alves



Projeto incentiva uso de evidências científicas em serviços de saúde

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos revelam que 50% das recomendações médicas não têm qualquer comprovação científica. No Pará, o Laboratório de Medicina Baseada em Evidências da Uepa desenvolve projetos que incentivam a consulta a pesquisas científicas com o intuito de garantir a segurança do serviço e promover a produção de conhecimento nas mais distintas áreas da saúde.

Por Janine Bargas

Pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, a saúde é um direito primário a ser garantido a todas as pessoas. No Brasil, Constituição Federal de 1988 assinala e ratifica a saúde como um direito fundamental a todos os cidadãos brasileiros. Na área da saúde, discussões têm ampliado a perspectiva do direito ao atendimento para a perspectiva da qualidade dos serviços de saúde, fundamentada, principalmente, na garantia da segurança e dos benefícios aos pacientes. No entanto, pesquisas realizadas nos Estados Unidos, com 20.028 usuários dos sistemas de saúde, publicadas no *New England Journal of Medicine* (NEJM), mostram que 50% das recomendações médicas não tinham qualquer comprovação científica e que 20% delas são inúteis ou associadas a malefícios.

Tais dados e outras constatações sobre as realidades dos serviços de saúde pelo mundo têm impulsionado profissionais e pesquisadores, aqui no Brasil, a se debruçarem sobre a criação de estratégias e metodologias nas quais as evidências científicas são as norteadoras da atuação dos profissionais da saúde, entre médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, entre outros. Na Uepa, o Grupo de Pesquisa de Medicina Baseada em Evidências tem atuado na produção de conhecimento científico e de projetos, que incluem acadêmicos de graduação e pós-graduação, na tentativa de reduzir a incidência de erros nas decisões em saúde. Faz parte ainda do Grupo, o Laboratório de Medicina Baseada em Evidências (LMBE), coordenado pelos professores Regis Bruni Andriolo e Brenda Nazaré Gomes Andriolo.

Uma das ações, vinculada ao projeto Diretrizes Baseadas em Evidências no Centro de Saúde Escola-Marco, iniciada em setembro de 2014, é desenvolvida junto ao Núcleo de Desenvolvimento em Tecnologia Assistiva e Acessibilidade da Uepa (Nedeta). A ação consiste em um acompanhamento dos profissionais do Núcleo por estudantes de medicina, que auxiliam,



com o suporte do banco de pesquisa disponível no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no atendimento dos usuários. Em termos mais específicos, os acadêmicos ajudam na resolução de dúvidas de integrantes do Nedeta e, conjuntamente, buscam a conduta mais eficiente, baseados nas melhores evidências científicas.

Entre os objetivos da ação, está a sensibilização e a adesão de profissionais da saúde a práticas profissionais comprovadas cientificamente e a ampliação do acesso a conhecimentos e tecnologias relacionados à medicina baseada em evidência. O coordenador do Laboratório, professor Regis Bruni Andriolo, destaca a relação entre a ciência e a decisão em saúde. Para o pesquisador, “um dos maiores desafios para a resolução de erros de decisões em saúde consiste na educação em saúde para o uso e geração de informações confiáveis, que independem do nível acadêmico, da área de atuação ou da especialidade do profissional”.

No 8º semestre do curso de medicina da Uepa, Lorena Lima considera a busca por evidências científicas uma das formas mais eficazes de garantir a segurança do paciente. “Hoje, a medicina tem sido cada vez mais questionada, principalmente pelos próprios pacientes, que muitas vezes, já foram à internet saber qual o melhor tratamento, por exemplo. Então, usar a medicina baseada em evidências na

- ▲ Estudantes de Medicina da Uepa e da UFPA em atividade no Nedeta

Em termos mais específicos, os acadêmicos de Medicina ajudam na resolução de dúvidas de integrantes do Nedeta e, conjuntamente, buscam a conduta mais eficiente, baseados nas melhores evidências científicas.



minha futura vida profissional será a forma de somar meus conhecimentos com as melhores e mais atuais condutas para o meu paciente”, afirma.

▲ Paciente do Nedeta realiza atividades práticas com suporte do banco de pesquisa disponível no Portal da Capes.

O Laboratório congrega, ainda, estudantes de outras instituições. Para o estudante do 10º semestre do curso de medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA) Erickson Gutierrez, a ação contribui para sua formação em dois âmbitos: agregando experiências e padrões de conduta eficazes, que resultarão em artigos e produção de conhecimento e, futuramente, na atuação profissional. “Estou trabalhando com a pesquisa mais rigorosa em saúde e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes. Eu aprendi condutas baseadas em evidências e que muitas condutas da nossa realidade não têm comprovação. Certamente, a minha prática futura da medicina seguirá essa linha e isso me manterá sempre atualizado. Esse talvez seja o aspecto mais importante”, afirma.

Entre as outras ações do Laboratório está a oferta continuada de um curso de curta duração aos profissionais do Centro de Saúde Escola, que registra aumento cada vez maior de participantes; a

orientação dos alunos em parceria com outros laboratórios; e a própria produção científica, que recebe apoio de órgãos de fomento, como a Fundação Amazônica Paraense de Amparo à Pesquisa (Fapespa) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Do ponto de vista social, as recomendações em saúde ineficazes ressoam no uso indevido de recursos públicos, humanos e financeiros, e no afastamento do cidadão do seu direito à saúde de qualidade. A intensão, portanto, é que os profissionais-interlocutores do projeto lancem mão de metodologias fornecidas pelo Laboratório e, paulatinamente, ajam de modo independente e frequente. “A adesão dos profissionais têm contribuído para a composição de características fundamentais no processo de transferência de conhecimento acadêmico para a prática clínica, e vice-versa, por um sistema gestor mais racional e eficiente, sempre objetivando a melhoria dos desfechos clínicos e econômicos do serviço de saúde”, ressalta Andriolo.

Observando as potencialidades das práticas propostas pelos integrantes do LMBE, a Secretaria de Estado de Saúde Pública do Pará (Sespa), o Ministério Público Federal no Pará (MPF-PA) e o Sindicato dos Médicos do Pará (Sindimepa) reconheceram a iniciativa do Projeto como um modelo a ser estendido a todos os serviços de assistência à saúde vinculados à Sespa.

O Laboratório de Medicina Baseada em Evidências da Uepa foi criado em 2011 e reúne estudantes da Uepa e de outras instituições, e de cursos de Pós-Graduação, a exemplo dos mestrados em Ensino em Saúde na Amazônia e em Biologia Parasitária. ✕



- ▲ Profissionais do Nedeta buscam conduta mais eficiente, baseados nas melhores evidências científicas.

Ponte área do conhecimento: Belém – São Paulo

Recém-formada no curso de Terapia Ocupacional, Ana Paula Nylander, almeja dois anos de muitos estudos, trocas de experiências e atuação profissional na Residência em Gerontologia do Hospital Albert Einstein.

Por Miguel Alves

Mais uma Papa Chibé na Terra da Garoa. Depois de um árduo processo seletivo para uma única vaga na Residência em Gerontologia do Hospital Israelita Albert Einstein, Ana Paula Nylander, a recém-formada terapeuta ocupacional pela Uepa, embarca para São Paulo no mês de fevereiro de 2015. Serão dois anos de muitos estudos, trocas de experiências e atuação profissional.

“Fiquei sabendo por meio de um site que divulga residências na área da saúde. Um dia eu me deparei com o edital do Einstein com vaga para terapia ocupacional, o que foi uma surpresa, pois o hospital nunca tinha aberto essa vaga. No início fiquei muito indecisa se eu me inscrevia ou não, pelo fato de ser só uma vaga. Quando eu decidi faltavam trinta minutos para o término das inscrições. Eu me inscrevi por ser uma residência em um hospital que é referência no país no atendimento dos pacientes, uma grande estrutura e uma equipe profissional bastante preparada. Decidi arriscar e acreditar nesse sonho!”, conta a terapeuta.

Ana Paula relembra que tudo começou na escolha do curso. A recém-formada, que passou na Universidade pelo Processo Seletivo (Prosel), ressalta que a primeira opção não era a Terapia Ocupacional, mas que sempre almejou estudar na Uepa. “Quando eu escolhi o curso, eu não sabia o que era. Então pesquisei em sites que ajudam vestibulandos e percebi que o curso tinha muito a ver com a minha personalidade. A graduação é muito abrangente, atende tanto criança quanto adulto, até o idoso. Eu vi na

terapia ocupacional várias possibilidades de atuação e isso me encantou. E a Uepa sempre me chamou muita atenção pelo renome e por ser uma Universidade pública”, afirma.

Na maioria das pessoas a troca do Ensino Médio para o Superior causa impacto. E isso não foi diferente para a terapeuta. “Quando eu cheguei na Terapia Ocupacional foi uma grande mudança. Primeiro que a gente sai de um sistema de ensino totalmente diferente do que é na Uepa. O método de ensino no curso de Terapia Ocupacional é o Problem Based Learning (PBL), que consiste fazer com que o aluno possa ser mais ativo dentro do plano de ensino. Os professores mostram um assunto e os alunos pesquisam e defendem o que aprenderam nesse primeiro momento. Foi um período inicial de muitas adaptações”, avalia.

Em cinco anos de Uepa, Ana Paula Nylander fez a diferença em sua trajetória. “No meu segundo ano de Universidade, meu interesse em trabalhar com idosos aflorou. No ano posterior, o meu envolvimento com as pessoas da terceira idade

“ Quis me especializar fora do meu estado, justamente para levar coisas que aprendi aqui, na nossa terra ”



Foto Miguel Alves

▲ Ana Paula comemora a colação e aprovação na residência. Foto Miguel Alves.

aumentou, pois consegui aprovar o projeto de extensão *Corpo, movimento e qualidade de vida na terceira idade*. Em seguida, entrei na iniciação científica, com o projeto *O corpo-sujeito de idosos com doença de Parkinson: uma proposta de intervenção terapêutica ocupacional com grupo de atividades psicomotoras*. A iniciação científica me abriu muitos campos, um deles foi unir esse projeto com o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)", analisa Ana Paula, que também fez estágio voluntário no Laboratório de Tecnologia Assistiva (LABTA), confeccionando recursos e adaptações, órteses e próteses, para atender a comunidade.

Com o sonho da graduação concluída, novos sonhos foram estabelecidos. "Um complemento da Universidade é a residência e eu quis me especializar fora do meu estado, justamente para levar coisas que eu aprendi aqui, na nossa terra, na nossa Universidade, para outras pessoas, e ter uma visão diferenciada, ainda mais em um hospital de grande porte que é o Einstein", explicou Ana Paula que em meio a centenas de pessoas, conseguiu a única vaga para a Residência em Gerontologia. "Eu estou indo para residência pelo novo, para saber o que mais a terapia ocupacional, agora na prática, vai poder me proporcionar, e o que mais ainda tem para eu aprender", acrescentou. ✨



A Política Nacional de Resíduos Sólidos e a Logística Reversa

Por Hélio Raymundo Ferreira Filho*

Desde seus primórdios, o ser humano busca suprir suas necessidades através dos produtos que coleta na natureza: transforma-os por meio de processos, consome e, finalmente, descarta. Nos seus instantes iniciais, o descarte no meio ambiente não provocava tantos danos por conta do reduzido número de habitantes que povoavam o planeta. Nesse caso, os processos naturais recompunham os prejuízos causados pelo homem.

Mais recentemente, chegamos a 7 bilhões de habitantes, e nos próximos vinte e cinco anos ganharemos mais 2 bilhões de irmãos, que chegarão em condições econômicas e sociais bem melhores do que nossos antepassados mais recentes. Este grupo, nascido na era da informação, por certo será composto por consumidores mais ativos e exigentes. É neste contexto que precisamos ter alternativas seguras e confiáveis para garantir as condições de sobrevivência da espécie, lembrando que nosso planeta é o único local que conhecemos capaz de produzir, reproduzir e manter a vida dos seres humanos.

Dados da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública (ABRELPE) apontam que, em média, a quantidade de lixo gerada por cada brasileiro que reside nas cidades com população superior a 500 mil habitantes, é de 417 quilos por ano. Esse valor é cerca de 15% superior ao valor registrado em 2008. Nesse mesmo período, o número de lixões a céu aberto, locais onde o lixo é simplesmente empilhado sem receber nenhum tratamento, passou de 2906, para 2507, redução de aproximadamente 14%, enquanto que o número de aterros sanitários, onde o lixo é tratado de forma adequada, passou de 1723 para 2243, aumento de 30%.

Em maior ou menor intensidade, a geração de resíduos ocorre e independe da situação econômica e social do indivíduo. Mas, é certo que a prática de despejar o lixo em lixões tem produzido danos irreversíveis ao ambiente. Esses fatos têm provocado debates sobre quais soluções devem ser adotadas





para mitigar os efeitos dessas ações, sobretudo em um momento pautado pela ocorrência de grandes catástrofes.

Em uma tentativa de, se não resolver, mas pelo menos de atenuar os efeitos da geração de resíduos sólidos no Brasil, foi sancionada pelo presidente da república, em agosto de 2010, a Lei nº 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que dispõe sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos; às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis. É oportuno mencionar que esta Lei não se aplica aos rejeitos de origem radioativas, que são regulados por legislação específica: a Lei nº 10.318, de 20 de novembro de 2010.

Logística reversa

O objetivo da logística é disponibilizar os insumos corretos, na quantidade correta, com qualidade solicitada, no lugar demandado, no momento adequado, com método, preço justo e boa impressão. Uma vez atendidos todos esses pré-requisitos a organização passa ser admirada e reconhecida pelos seus clientes.

Uma vez que o consumidor adquire e recebe o tão desejado produto, é possível que este se depare com uma situação na qual o bem adquirido não atenda as exigências-padrões que este consumidor estabeleceu na compra. É possível, também, que o produto seja entregue com alguma inconformidade como, por exemplo, mal funcionamento. Em ambas as situações, o consumidor pode devolver o bem. Outra situação pode-se configurar. O consumidor recebe o produto, em condições ideais, utiliza-o por um determinado período até esgotar sua vida útil.

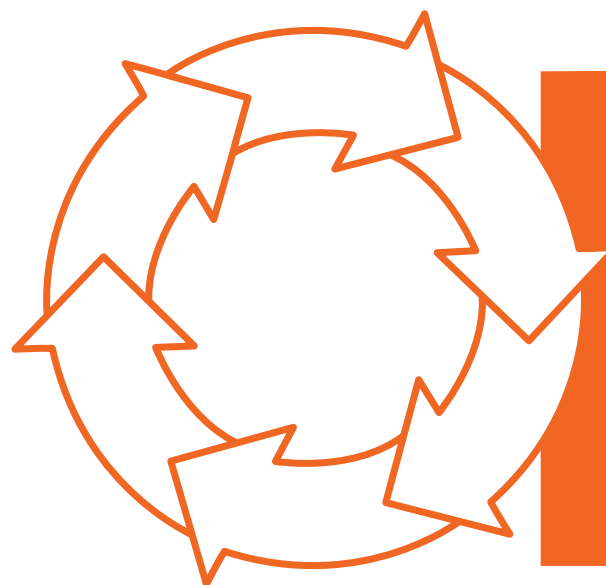
Seja na devolução provocada pelo não atendimento das expectativas do consumidor, seja pelo fato do produto apresentar um defeito, ou pelo fato

desse produto ter chegado ao final da sua vida útil, é primordial que se disponha de um processo de coleta para fins de disposição final ambientalmente adequada. É neste ponto que surge a oportunidade para que seja desenvolvido o processo de logística reversa, objeto de nossa discussão.

Na literatura acadêmica vários autores apresentam definições para logística reversa. Na Política Nacional de Resíduos Sólidos há uma definição de forma muito apropriada desse conceito, como sendo 'o instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada'.

O fato de reconhecer a logística reversa como instrumento de desenvolvimento econômico e social indica que o poder público assume sua importância e contribuição para melhorar as condições de vida em nosso país. Isso incide, também e, sobretudo, sobre os catadores de lixo e sucata que se espalham pelas periferias urbanas realizando um trabalho de remoção do que a sociedade entende que é rejeito.

Ao mesmo tempo em que a Lei induz a sociedade a reduzir seus níveis de consumo, incentiva a implantação de processos de reciclagem como formas de reaproveitar os componentes ou matérias-primas usados na composição dos produtos, o consumo mais seletivo e racional e a reflexão sobre o retorno dos produtos consumidos à indústria após os processos de reciclagem, uma vez que este retorno reduz as pressões sobre o consumo de novos recursos naturais. Essa Lei também torna os processos industriais mais econômicos por



Logística Reversa

“Instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada”

Plano Nacional de Resíduos Sólidos
Lei Nº 12.305/2010

“ O objetivo da logística é disponibilizar os insumos corretos, na quantidade correta, com qualidade solicitada, no lugar demandado, no momento adequado, com método, preço justo e boa impressão. ”

utilizar menos energia em todas as etapas do processo de transformação de matéria-prima em novos produtos.

Para aqueles produtos que não têm como retornar ao processo produtivo através da reciclagem, é importante registrar que a Lei 12.035 obriga o poder público a elaborar planos para o gerenciamento de resíduos sólidos. Os planos consistem em conjuntos de ações exercidas direta ou indiretamente, nas etapas de coleta, transporte, transbordo, tratamento e destinação final ambientalmente adequada dos resíduos e rejeitos, de acordo com o plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos ou plano de gerenciamento de resíduos sólidos, também exigidos na forma de Lei.

É neste momento que surge a oportunidade da formação de associações de catadores, que sempre atuaram de forma dispersa e distante das práticas legais, podendo colaborar em três frentes: a) mitigar os danos ambientais provocados pela geração de volumes cada vez maiores de resíduos sólidos; b) trabalhar para inclusão socioeconômica dos catadores de lixo organizados em cooperativas; c) aproveitar a dispensa da licitação pública na contratação da coleta, processamento e comercialização de resíduos sólidos urbanos recicláveis ou reutilizáveis, em áreas com sistema de coleta seletiva de lixo, efetuados por associações ou cooperativas formadas exclusivamente por pessoas físicas de baixa renda.

As três frentes apresentadas têm relações

estreitas com a logística reversa, quando esta se apresenta para mitigar os impactos ambientais provocados por: a) devoluções de produtos que foram adquiridos e que não atenderam as especificações do comprador; b) devoluções de produtos por alguma inconformidade; c) destinação adequada de produtos que chegaram ao fim da sua vida útil.

Do ponto de vista da inclusão socioeconômica dos catadores, sua participação está relacionada com a etapa relativa à separação dos componentes e resíduos descartados. E, finalmente, ao permitir que essas cooperativas de catadores possam participar de licitações para contratação de serviços por entes públicos sem que sejam obrigadas a seguirem às exigências estabelecidas pela Lei 8.666/93, a Legislação oferece a oportunidade de inclusão socioeconômica, com a geração de novos empreendimentos relacionados com a atividade de coleta, tratamento e destinação adequada dos resíduos sólidos gerados pela sociedade, para grupos que sempre exerceram essas atividades apenas com o mínimo de proteção do sistema legal. ✨



***Hélio Raymundo Ferreira Filho**
Doutor em Ciências de Gestão e Mestre em Sistemas de Informação pela Universidade Pierre Mendès-France, Grenoble, França. Na Uepa, atua desde 2008, como professor em cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente, é coordenador do curso de Engenharia de Produção.

LANÇAMENTOS. EDUEPA

